

Artigo Original

Das situações do jogo ao ensino das fixações no handebol

Rafael Pombo Menezes

Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio, Itu, SP, Brasil

Resumo: Os objetivos deste trabalho são apontar a importância das fixações no handebol como ações táticas ofensivas e apontar possíveis desdobramentos individuais e coletivos vantajosos e desvantajosos para os atacantes durante o jogo. O ensino desse elemento técnico-tático é abordado com vistas às categorias de formação no handebol, para o qual sugere-se que os jogadores, a partir da imprevisibilidade das situações impostas, sejam inseridos em um contexto de ensino-aprendizagem-treinamento que propicie a vivência dos mais variados tipos de situação. As variações das experiências anteriores permitem a formação de jogadores que possam agir inteligentemente e que adaptem seus comportamentos às pressões impostas pelos adversários e às possibilidades oferecidas pelos companheiros.

Palavras-chave: Pedagogia do Esporte. Handebol. Tática Ofensiva. Ensino.

From the game situations to the teaching of fixations in handball

Abstract: The aims of this work are to show the importance of the fixations in handball as a technical-tactical offensive element and pointing to possible advantages and disadvantages for the attackers in the game. The teaching of this technical-tactical element is discussed in the young categories in handball, for which it is suggested that players, from the unpredictability of conditions imposed, are embedded in a context of teaching-learning-training which provide experience of all kinds of situation. Changes from previous experiences allow the formation of players who can act intelligently and to adapt their behavior to the pressures imposed by the opponents and the possibilities offered by fellow.

Key Words: Sport Pedagogy. Handball. Offensive Tactic. Teaching.

Introdução

Os Jogos Coletivos Esportivizados (ou JCE's, em concordância com [REIS](#), 1994) estão ganhando atualmente, em sua dimensão pedagógica e na abordagem das questões de ensino e aprendizagem específicos, um enfoque mais voltado para as questões técnico-táticas, em oposição a um enfoque técnico ([GRECO](#), 2001; [DAOLIO](#), 2002; [GRAÇA; MESQUITA](#), 2002; [COSTA; NASCIMENTO](#), 2004; [GRAÇA; MESQUITA](#), 2007). Ante esse enfoque técnico, ou tecnicista, historicamente construído e baseado na teoria associacionista, os autores mencionados anteriormente tecem importantes considerações sobre a relevância de se considerar também os fatores táticos, principalmente nas relações envolvidas entre as ações dos jogadores e o momento de realização dessas, além da situação ou contexto que envolve tal tomada de decisão.

Quaisquer ações ou decisões ofensivas, sejam essas do atacante em posse ou não da bola, devem buscar atender os princípios operacionais ([BAYER](#), 1994) inerentes à tal fase nas modalidades coletivas, em específico caso do handebol – foco desta pesquisa –, que são: a

manutenção ou conservação da posse de bola, a progressão em direção ao alvo ou à meta adversária e a consecução ou anotação dos pontos ou gols.

Para a obtenção de êxito no que se refere à contemplação de cada um dos princípios operacionais são necessários procedimentos técnico-táticos (denominados no handebol de meios técnico-táticos) que possibilitem aos atacantes certa continuidade do seu jogo. No caso da conservação da posse de bola, são requisitados alguns deslocamentos para gerar situações de desmarque e boa qualidade nos passes e recepções dos jogadores, preferencialmente com o menor risco possível de interceptação do passe pelos defensores. No caso específico da progressão dos atacantes em direção ao alvo, além da conservação da posse da bola, os mesmos devem preocupar-se em executar os fundamentos técnicos (passe, drible, recepção, empunhadura, ritmo trifásico, duplo ritmos trifásico e arremesso) e os meios táticos ofensivos (individuais e coletivos) para desequilibrar os defensores a fim de conseguir situações favoráveis à infiltração e, principalmente, para arremessar de posições

vantajosas para marcar o gol, contemplando o terceiro princípio ofensivo.

Para solucionar com êxito as tarefas referentes a essa fase, os atacantes devem buscar alternativas que se baseiam nas suas possibilidades de intervenção técnico-tática e nas interações com os companheiros, bem como no posicionamento e atitudes dos defensores e das suas relações de oposição com os demais atacantes.

Entende-se, então, que os jogadores devam ter bem desenvolvidas as capacidades de percepção, antecipação e tomada de decisão (GRECO, 1988), que serão os pilares no seu processo de formação, permitindo aos jogadores intervenções inteligentes no jogo, com principal ênfase à resolução dos problemas técnico-táticos. Ainda para Greco (1997) os jogadores devem buscar uma constante associação entre a decisão a ser tomada e a possibilidade de obtenção de êxito, gerando também associação de respostas táticas do tipo “quando-então”, ou seja, “quando” o defensor apresentar um determinado comportamento, “então” o atacante toma tal decisão.

Os atacantes, além de conhecerem todas as formas de atuação, ou o “como fazer” de cada fundamento, devem tirar proveito da vantagem que possuem em relação aos defensores quanto ao planejamento de suas ações. O atacante que possui a bola deve criar uma diversidade de opções em que tenha como possibilidades a progressão, um arremesso, uma finta ou um passe, por exemplo, ao ponto que o defensor deverá tentar reagir e intervir o mais rápido possível quanto à decisão tomada pelo atacante. O mesmo ocorre para as situações nas quais o atacante não possui a bola, como na ocupação temporária, pelos pontas ou armadores, do posto específico de pivô.

Essa criação de diversidade de opções ofensivas inicia-se antes do recebimento da bola, principalmente com a variação das trajetórias adotadas pelo jogador que a receberá e sua conseqüente fixação do defensor adversário (descrita posteriormente), que possibilitará a execução de determinados meios táticos ofensivos baseados nas interações com as respostas dadas por cada um dos defensores. Para tanto, os objetivos deste trabalho são: a) destacar a importância das fixações como ações táticas ofensivas iniciadoras da maioria dos meios

táticos, individuais e coletivos, dessa fase do jogo; e b) apontar possíveis desdobramentos coletivos a partir da execução de cada tipo de fixação.

Contextualização das fixações

Os deslocamentos se constituem em conteúdos importantes do jogo de handebol e da maioria dos JCE's. Quando se observam os deslocamentos dos atacantes, foco central desta pesquisa, atenta-se para fatores como a posse ou não da bola pelo jogador, as distâncias que os apoios (atacantes próximos ao possuidor da bola e potenciais receptores) se encontram e as respostas dadas pelos defensores, com a premissa do cumprimento dos três princípios ofensivos (BAYER, 1994).

Uma das ações realizadas pelos atacantes, dentre os deslocamentos, que merece atenção e que também fornece os parâmetros e informações espaciais e temporais necessários para a execução dos meios táticos ofensivos e mesmo para a continuidade do jogo ofensivo, é a fixação.

Quanto ao termo “fixação” Molina (2006, p.56) afirma que o principal objetivo é o de “chamar a atenção de um defensor”, assim o atacante deve fixar o marcador em uma determinada posição vantajosa para este. Já para Romero et al. (1999, p.118) as fixações no jogo de handebol têm por finalidade “obter superioridade numérica e obter a penetração ou a progressão (quando não ocorre a penetração)”. Dessa forma, entende-se que, o fato de o atacante buscar constantemente a atenção do defensor deve estar inserido em um contexto técnico-tático, com uma finalidade bem definida, como citado anteriormente por Romero et al. (1999), e que possibilite uma série de desencadeamentos grupais ou coletivos ofensivos.

Com base nas afirmações supracitadas, é possível afirmar que o principal objetivo das fixações é buscar situações favoráveis aos atacantes, provenientes de desequilíbrios temporários de um ou mais defensores, tendo como conseqüência a superioridade numérica ofensiva ou rápidas interações entre os atacantes que possibilitem ocupações inteligentes dos espaços gerados para a progressão em direção ao gol adversário ou para o arremesso.

Dessa forma, as fixações trazem a necessidade de constantes reposicionamentos dos atacantes, seja para servir de apoio ao

possuidor da bola ou para dispersar a atenção dos defensores. Para [Antón](#) et al. (2000, p.97) “o domínio dos parâmetros espaço-temporais é uma exigência básica do handebol”, apontando para que a execução dessas ações na relação adequada de espaço-tempo e situação (considerada aqui como a relação espaço-temporal-situacional) traz implicações ao posicionamento de cada defensor (por ter que deslocar-se para regiões próximas da marcação de seu oponente direto ou ocupar os espaços gerados para a cobertura de um companheiro) e, conseqüentemente, ao funcionamento dos sistemas defensivos (pelos constantes desequilíbrios e ameaças sofridas).

Então podemos considerar as fixações como ações táticas inseridas em um plano de ação inicialmente individual, mas com um importante desencadeamento coletivo, que visam o

desequilíbrio defensivo a partir de superioridade numérica ofensiva ou de desequilíbrio corporal na situação 1x1, e que se apresentam como base para a continuidade do jogo ofensivo. [Latiskevits](#) (1991, p.101) afirma que as ações individuais ofensivas “constituem a base para o êxito de toda a equipe”, o que justifica a importância de considerar as fixações como ações individuais com profundas implicações coletivas.

O desencadeamento coletivo das ações de fixação tem como premissa que o possível receptor da bola tenha uma boa percepção da situação de jogo. As atividades perceptivas no jogo de handebol são variadas e em grande número e que a visual e a proprioceptiva são as principais, pois permitem ao jogador “captar os estímulos que definem a situação e o momento do jogo, ajustando a ação de forma imediata” ([ANTÓN](#) et al., 2000, p.52).

Os tipos e as implicações das fixações

Entendendo que as fixações, de forma sumária, estão relacionadas diretamente com os defensores atraídos pelo atacante que a realiza, podem ser identificados três tipos básicos:

- Fixação par: a qual o atacante atrai seu marcador direto (Figura1A);
- Fixação ímpar: a qual o atacante atrai seu marcador indireto (Figura1B);
- Fixação par-ímpar: a qual o atacante atrai os marcadores direto e indireto (ou ataque ao intervalo, Figura1C).

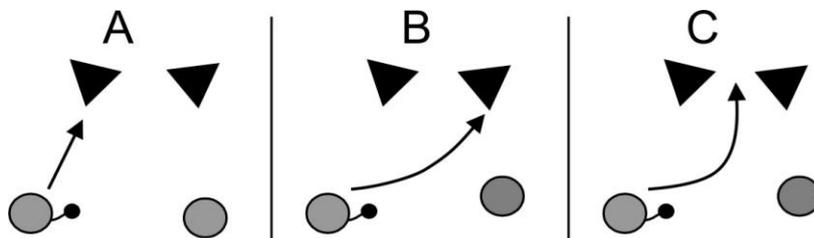


Figura 1 - Representação das fixações: par (A), ímpar (B) e par-ímpar (C)

É importante salientar que em qualquer tipo de fixação durante o jogo de handebol os atacantes deverão realizar com a maior velocidade possível, objetivando dificultar o reposicionamento dos defensores e suas possibilidades de coberturas, as trocas de marcação e as ajudas mútuas. Assim, os atacantes devem oferecer perigo constante ao gol adversário dificultando as ações defensivas individuais e coletivas.

Fixação par

Segundo [Romero](#) et al. (1999, p.117) o conceito par significa “que um atacante conseguiu uma situação frontal com seu oponente na linha de arremesso, ou seja, há um emparelhamento bem definido do atacante com o defensor”. Essa

fixação provoca um contato maior entre o atacante em posse de bola e seu marcador direto, que favorece o defensor pela possibilidade de diminuir a velocidade do atacante, roubar a bola, ou mesmo possibilitar aos outros defensores uma marcação mais ofensiva nos atacantes que não estão com a bola para dificultar a sua recepção.

Algumas situações para essa fase do jogo são criadas ou beneficiadas a partir da execução da fixação par, tais como:

- a) A criação ou o aumento do espaço para a movimentação do pivô, entre o marcador atraído e a linha da área, principalmente nos momentos nos quais o defensor encontra-se na primeira linha defensiva (Figura 2A);

b) Combinada com um bloqueio frontal de outro atacante possibilita o arremesso de longa

distância sem a intervenção do marcador direto (Figura 2B);

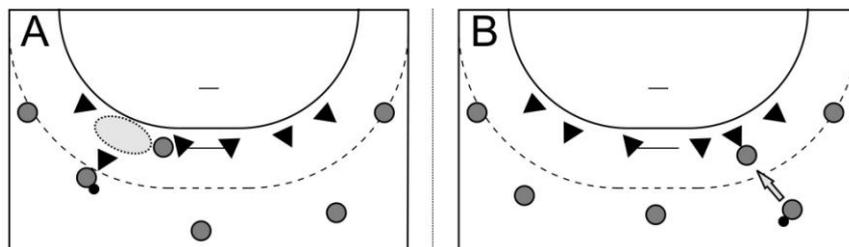


Figura 2 - Em A: fixação par gerando espaço para a movimentação do pivô; em B: fixação par do armador e bloqueio do pivô, facilitando o arremesso de longa distância

c) A partir de uma rápida circulação de bola o atacante próximo pode realizar um passe nas costas desse marcador, tanto para o pivô (Figura 3A) como para o jogador que executou o passe (realização de um passa e vai – Figura 3B);

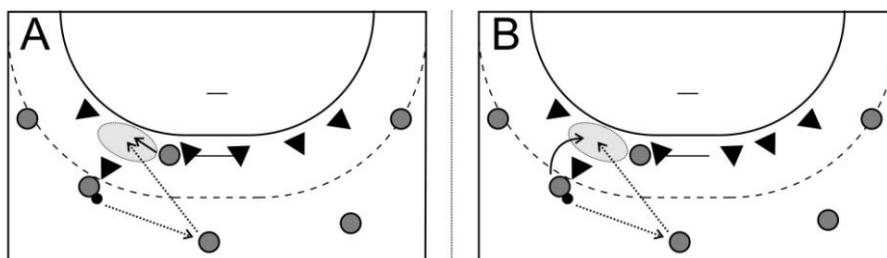


Figura 3 - Com a criação de espaço pelo defensor que flutuou, há a possibilidade de passar para o pivô (A) ou realizar um passa e vai com o jogador que a passou (B)

d) A possibilidade de realizar cruzamentos, desde que os deslocamentos dos atacantes sejam realizados em altas velocidades e, possivelmente, com mudanças de direção das trajetórias, como representado na Figura 4;

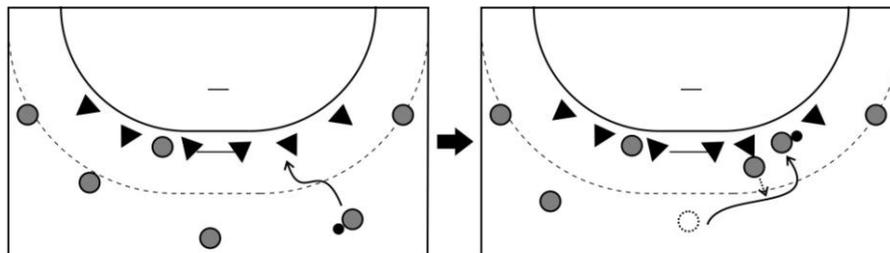


Figura 4 - Cruzamento originado de uma fixação par do armador direito

e) Em superioridade numérica ofensiva a seqüência de fixações pares pode ser vantajosa, devido à tendência de desmarque do atacante oposto à saída da bola (Figura 5).

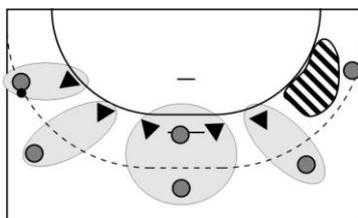


Figura 5 - As áreas em cinza correspondem aos pares de atacantes e defensores. A área listrada representa o espaço gerado pela sucessão de fixações pares

Outras situações decorrentes da fixação par podem ser desvantajosas para os atacantes na tentativa de realizarem suas ações, individualmente e/ou coletivamente, tais como:

a) As constantes situações de 1x1 podem dificultar as ações individuais dos atacantes (como as fintas), provocar lentidão nos passes e descontinuidade do jogo ofensivo, devido à

adaptação dos defensores aos seus marcadores diretos;

b) O constante contato com o defensor provoca um desequilíbrio corporal no atacante em posse da bola, que pode diminuir a eficácia dos passes, provocando retardos nas ações ofensivas. Também pode desencadear situações de contra-ataques para a equipe adversária, devido à maior

possibilidade de interceptação do passe, como representado na Figura 6A;

c) A manutenção do posicionamento do marcador indireto faz com que esse jogador tenha melhores

possibilidades de realizar uma marcação de boa qualidade e, como consequência, diminuir os espaços para a penetração dos atacantes por ajudas mútuas e coberturas (Figura 6B).

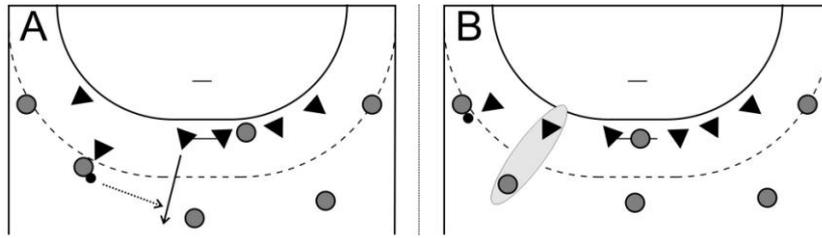


Figura 6 - Em A: possibilidade de interceptação do passe pelo marcador indireto; em B: equilíbrio do marcador indireto

Fixação ímpar

Consiste do atacante em posse de bola realizar o ataque direto, ou “chamar a atenção”, do seu marcador indireto. [Romero](#) et al. (1999, p.117) define que o conceito de ímpar indica que “um atacante conseguiu a oposição de um defensor que não é o seu direto, ou seja, centrar a atenção ou objetivar uma fixação de um oponente indireto”.

A fixação ímpar exige do atacante que possui a bola uma trajetória, geralmente curva, mais

distante em relação ao seu marcador direto, ao comparada com a fixação par, para dificultar que a marcação seja capaz de pará-lo ou de desequilibrá-lo. Ainda com base na afirmação de [Romero](#) et al. (1999), a partir de uma fixação ímpar as penetrações sucessivas tornam-se meios viáveis quando o potencial receptor da bola aproveita a situação imposta pelo iniciador de desequilíbrio defensivo (Figura 7).

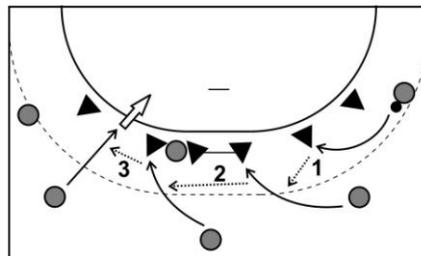


Figura 7 - Penetrações sucessivas geradas a partir de fixações ímpares dos jogadores (ROMERO et al., 1999, p.118)

A fixação ímpar, assim como a par, possibilita situações ofensivas favoráveis a alguns desencadeamentos coletivos, bem como à ação do atacante que atua sem a posse da bola nas zonas próximas a essa, tais como:

a) A atração da atenção dos marcadores indireto e direto pode gerar possíveis situações de superioridade numérica (como o 2x1) a partir de uma situação de inferioridade numérica ofensiva (1x2), como representado na Figura 8A;

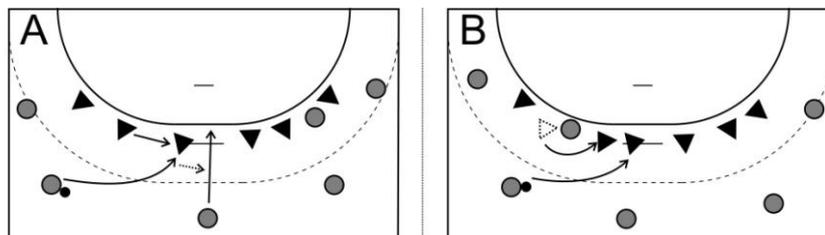


Figura 8 - Em A: Situação inicial de 1x2 e posterior 2x1, com o armador central obtendo espaço para infiltração; em B: falha na troca de marcação gerando espaço para o pivô

b) A possibilidade do jogo com o pivô caso haja falha no mecanismo de troca de marcação (Figura 8B).

c) A possibilidade de executar arremessos de longa distância, caso os defensores não impeçam os deslocamentos ou não marquem adequadamente (Figura 9);

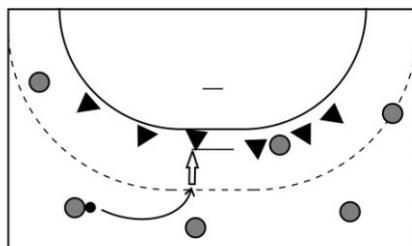


Figura 9 - Arremesso realizado pelo armador esquerdo após fixação ímpar

d) O desencadeamento dos meios táticos ofensivos que dificultem a ação defensiva, como os bloqueios (Figura 10A) e os cruzamentos (Figura 10B);

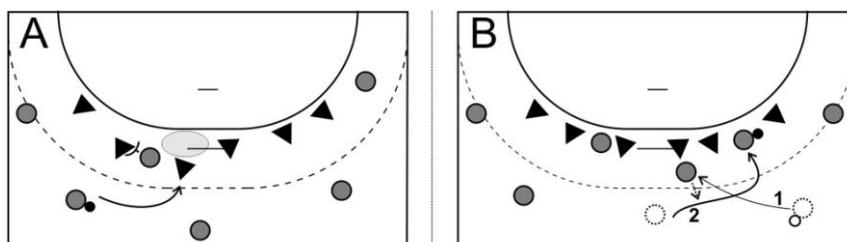


Figura 10 - Em A: bloqueio do pivô; em B: cruzamento entre dois jogadores

Porém alguns aspectos ou condutas ofensivas, originários da fixação ímpar, podem influenciar negativamente o bom desenvolvimento dessa fase de jogo, tais como:

a) Se o atacante em posse da bola executa a sua trajetória muito próximo do seu marcador direto, esse pode ser desequilibrado e com ações comprometidas, o que pode dificultar o passe, reduzir a possibilidade de arremesso e a eficácia dos eventos ofensivos posteriores (Figura 11A);

b) Nas categorias mais jovens (infantil e cadete) a fixação ímpar pode confundir o atacante que não possui a bola (apoio), o que pode estar relacionado com a dificuldade de leitura das situações de jogo. Na Figura 11B está representado um possível erro de leitura no qual dois jogadores atacam a mesma região;

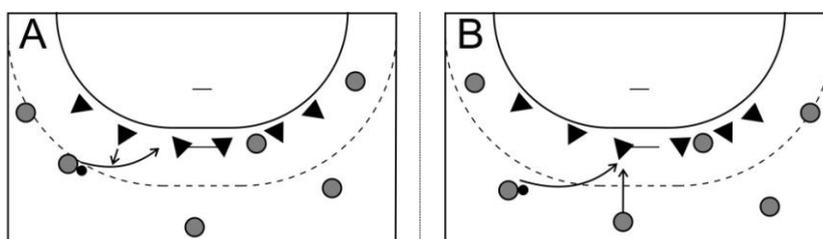


Figura 11 - Em A: a proximidade com o marcador dificultando a continuidade do jogo ofensivo. Em B: ataque simultâneo de dois jogadores na mesma região da quadra

Fixação par-ímpar

Nesta fixação o atacante em posse da bola objetiva atrair a atenção de seus marcadores direto e indireto, deslocando-se em direção ao espaço pré-existente entre esses dois defensores, o que pode provocar falhas no setor defensivo. Esse atacante deve deslocar-se com a intenção de arremessar ao gol, mantendo dessa forma uma postura adequada e orientada de frente para o gol. Caso os defensores não o marquem adequadamente, esse poderá finalizar, caso contrário o atacante vizinho (ou apoio) poderá receber a bola em condições de finalização,

gerado pela atração de seu marcador direto pelo primeiro atacante.

Algumas situações de jogo podem ser visualizadas quando da utilização das fixações par-ímpar:

- É favorável à finalização, devido ao grande desequilíbrio dos defensores;
- Permite, na maioria dos casos, melhor leitura da situação do jogo;
- Facilita o desencadeamento de alguns meios táticos ofensivos, como as penetrações sucessivas (Figura 12A) e os cruzamentos (Figura 12B)

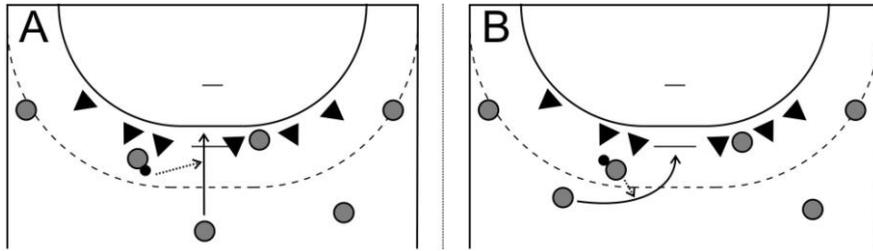


Figura 12 - Desencadeamento de penetrações sucessivas (A) e de cruzamento (B) a partir de fixação par-ímpar

- Proporciona a utilização de jogadas aéreas (Figura12A) e desequilíbrio defensivo, passando de uma situação de 1x2 para o 2x1 (Figura12B);

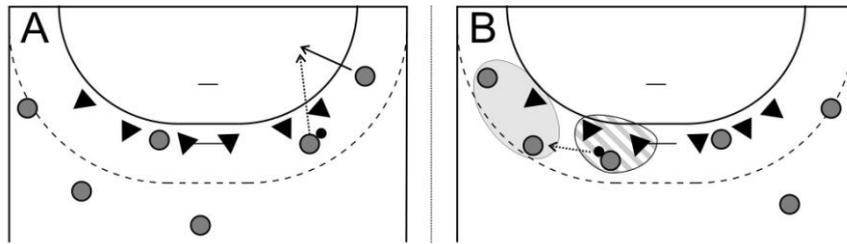


Figura 13 - Em A: Fixação par-ímpar do armador direito proporcionando uma jogada aérea com o ponta direita. Em B: Fixação par-ímpar do armador central (situação de 1x2, área hachurada) que se transforma em uma situação de 2x1 (em cinza claro)

Algumas das desvantagens do jogo baseado em fixações par-ímpar são:

- A necessidade de maior velocidade do atacante para buscar o espaço existente entre dois defensores, o que torna a sua postura corporal um fator importante pelo fato de poder ser marcado por dois defensores simultaneamente, exigindo que o passe ou o arremesso seja feito no momento correto;
- Aumento da possibilidade de interceptação do passe, caso o marcador indireto perceba que essa ação foi tomada apenas com o objetivo de passar a bola e não o de tentar um arremesso ao gol.

O ensino das fixações

O processo de ensino-aprendizagem-treinamento (EAT, segundo GRECO, 1997) das fixações torna-se, então, um aspecto importante devido aos fatores que são considerados durante a situação, tais como:

- A percepção que o jogador em posse da bola tem da situação de jogo e sua forma de atuação ou decisão tomada;
- As adaptações provocadas no sistema defensivo com base na tomada de decisão de cada defensor;
- A percepção da situação ajustada do jogo pelo jogador que receberá a bola.

Partindo da prerrogativa de que a fixação é uma ação realizada pelo jogador em posse da bola e que depende da leitura da situação de jogo desse e dos comportamentos muitas vezes imprevisíveis dos adversários e companheiros, entende-se que uma das possíveis formas de ensino baseia-se em situações de jogo.

O processo de EAT nas faixas etárias de formação, como nas categorias infantil (sub-14) e cadete (sub-16), deve contemplar alguns dos níveis de relação, descritos por Garganta (1995) como o *eu-bola-adversário*, no qual o atacante terá a possibilidade de deslocar-se para uma determinada posição e observar a adaptação do defensor à essa ação, ou a relação mais simples de oposição direta (2x1) que é caracterizada como *eu-bola-colega-adversário*.

A aplicação das situações de jogo, ou do método situacional, apresenta como pressuposto que o atacante deva adaptar seu comportamento com vistas à situação que é imposta (GRECO, 2001). Sendo assim, o ensino das fixações nas categorias de formação esportiva deve visar a "expansão de todas as capacidades motoras em uma base ampla que sirva de reserva para facilitar, futuramente, o aprendizado de técnicas específicas" (GRECO, 2001, p.58).

Em concordância com o autor supracitado, entende-se aqui que durante a formação

esportiva a ênfase deva estar voltada para as questões relacionadas ao “porque fazer” e “quando fazer”, com o intuito de formar jogadores críticos das suas atuações em diferentes cenários do jogo. Justifica-se, assim, que os jogadores devam possuir uma leitura adequada das situações do jogo, nas quais possam alterar as suas ações em qualquer instante para a manutenção da posse de bola e progressão ao gol adversário.

Ao enquadrarmos as fixações em um contexto espaço-temporal-situacional é importante que os atacantes compreendam as duas questões citadas anteriormente, bem como possuam vivências suficientes que os permitam perceber, atuar e alterar o panorama ofensivo objetivando marcar o gol preferencialmente a partir de situações simplificadas, como é o caso da superioridade numérica ofensiva.

A questão relacionada ao “como fazer”, ou à forma analítica do ensino das habilidades (derivada da teoria Associacionista), quando lidamos com o ensino das fixações nas categorias de formação passa a ocupar uma posição secundária à situação de jogo. Essa secundarização significa que a fragmentação do ensino (GRECO, 2001) que visa a perfeição na execução do gesto técnico pode estar descontextualizada da situação do jogo, e também a automatização de uma determinada tomada de decisão pode provocar erros táticos (como passar a bola ou arremessá-la em momento inoportuno).

Sugere-se, então, como ponto de partida para o ensino das fixações a situação de 2x1, por se tratar de uma simples relação de causa e efeito da tomada de decisão do jogador que está com a posse da bola e de fácil assimilação pelo atacante que não possui a bola. A escolha por uma situação de superioridade numérica ofensiva para o ensino das fixações funda-se na premissa de maior facilidade para os atacantes e melhor possibilidade de desenvolvimento das suas ações.

Conforme aumenta o número de jogadores na relação ataque x defesa, como o 3x2, o 4x3 e o 5x4, por exemplo, aumentam as variáveis a serem controladas pelos atacantes e, ao mesmo tempo, outras possibilidades de ações são proporcionadas, porém mantendo a superioridade ofensiva. Essas situações são propícias para o ensino da fixação par, pelo fato de o ataque já iniciar em vantagem numérica.

Quando essa relação é equilibrada em situações de igualdade numérica, surgem novos problemas a serem resolvidos, como a presença

de um marcador direto para cada atacante e a redução dos espaços para infiltrações. Ao mesmo tempo, essa situação provoca nos atacantes a necessidade de descoberta de outras possibilidades, como as fixações ímpar ou par-ímpar objetivando, inicialmente, a criação de novos espaços que permitam uma melhor circulação da bola.

No desequilíbrio dessa relação numérica de jogadores em prol dos defensores (2x3, 3x4, 4x5...) há problemas ainda maiores para os atacantes, como a diminuição dos espaços para infiltrações, a presença de um marcador direto e um indireto em condições de equilíbrio e a possibilidade de cobertura permanente dos defensores, tendo em vista que as distâncias que terão que percorrer até alcançarem os atacantes serão mais curtas. Dessa forma, tais situações são propícias ao ensino da fixação ímpar, devido à necessidade em buscar inicialmente a igualdade numérica ofensiva para então alcançar a superioridade numérica, o que exige dos atacantes melhor percepção das situações de jogo, bem como a aplicação de elementos técnico-táticos que os permitam superar os defensores.

Considerações Finais

Ao pensar no ensino das fixações para a categoria infantil (sub-14) devem ser priorizadas situações de jogo nas quais os atacantes tenham facilidade para vencer a defesa, como as superioridades numéricas, principalmente pelo entendimento de conceitos como a continuidade do jogo ofensivo e o aproveitamento de espaços vazios. Quando para tais situações os atacantes apresentarem soluções eficazes, a igualdade numérica se torna um problema a ser apresentado para os jogadores.

Já na categoria cadete (sub-16) as igualdades numéricas devem fazer parte do cotidiano de aulas/treinos, partindo do pressuposto de que as situações de superioridade numérica já foram aprendidas. Nessas situações de igualdade numérica tanto a fixação ímpar como a par-ímpar devem ser utilizadas como ferramentas para o desenvolvimento do jogo ofensivo. No final desta categoria torna-se conveniente o ensino das situações de inferioridade numérica, enfatizando os desdobramentos técnico-táticos ocasionados pela ausência de um jogador.

Tendo em vista que o atacante em posse de bola realiza seu ataque visando arremessar ou deixar um companheiro em boas condições de desenvolver suas ações, inúmeros desdobramentos ofensivos podem ser possíveis, devendo ser treinados pelos jogadores das

diferentes idades em suas mais diversas manifestações. Esse treinamento das respostas ofensivas decorrentes das fixações dos jogadores deve ter como principal objetivo a resposta pelo atacante que será apoio (desmarcando-se e criando uma linha de recepção) para que tais situações preocupem os defensores.

Referências

- ANTÓN, J. L.; CHIROSA, L. J.; ÁVILA, F. M.; OLIVER, J. F.; Sosa Pl. **Balonmano: alternativas y factores para la mejora del aprendizaje**. Madrid: Gymnos Editorial, 2000.
- BAYER, C. **O ensino dos desportos colectivos**. Lisboa: Dinalivros, 1994.
- COSTA, L. C. A.; NASCIMENTO, J. V. O ensino da técnica e da tática: novas abordagens metodológicas. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 15, n. 2, p. 49-56, 2004.
- DAOLIO, J. Jogos esportivos coletivos: dos princípios operacionais aos gestos técnicos - modelo pendular a partir das idéias de Claude Bayer. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 10, n. 4, p. 99-103, 2002.
- GARGANTA, J. **O ensino dos jogos desportivos**. 2. ed. Porto: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, 1995.
- GRAÇA, A.; MESQUITA, I. A investigação sobre o ensino dos jogos desportivos: ensinar e aprender as habilidades básicas do jogo. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 2, n. 5, p. 69-79, 2002.
- GRAÇA, A.; MESQUITA, I. A investigação sobre os modelos de ensino dos jogos desportivos. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 7, n. 3, p. 401-421, 2007.
- GRECO, P. J. La formación del jugador inteligente. **Revista Stadium**, [S.l.], v. 22, n. 128, p. 22-31, 1988.
- GRECO, P. J. Sistematização do processo de ensino-aprendizagem-treinamento tático nos jogos esportivos coletivos. In: GRECO, P. J.; SAMULSKI, D. M.; SZMUCHROWSKI, L. A. (Org.). **Temas Atuais em Educação Física e Esportes II**. Belo Horizonte: Cultura, 1997, p. 43-57.
- GRECO, P. J. Métodos de ensino-aprendizagem-treinamento nos jogos esportivos coletivos. In:
- GARCIA, E. S.; LEMOS, K. L. M. **Temas Atuais VI em Educação Física e Esportes**. Belo Horizonte: Saúde Ltda., 2001, p. 48-72.
- LATISKEVITS, L. A. **Balonmano: deporte & entrenamiento**. Barcelona: Editorial Paidotribo, 1991.
- MOLINA, S. F. Organización didáctica del proceso de enseñanza-aprendizaje para la construcción del juego ofensivo en balonmano. **E-balonmano.com**: revista digital deportiva, Merida, v. 2, n. 4, p. 53-66, 2006.
- REIS, H. H. B. **O ensino dos jogos coletivos esportivizados na escola**. 1994. 75 f. Dissertação (Mestrado)-Centro de Educação Física e Desporto, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1994.
- ROMERO, J. J. F.; MARTÍNEZ, L. C.; SUAREZ, H. V.; CARRAL, J. M. C. **Balonmán: manual básico**. Santiago: Edicións Lea, 1999.

Endereço:
Rafael Pombo Menezes
Rua das Camélias, 85/304 Jd. das Rosas
Itu SP Brasil
13309-510
Telefone: (11) 9431.2631
e-mail: rafael.pombo@yahoo.com.br

Recebido em: 29 de janeiro de 2010.
Aceito em: 13 de setembro de 2010.



Motriz. Revista de Educação Física. UNESP, Rio Claro, SP, Brasil - eISSN: 1980-6574 - está licenciada sob [Creative Commons - Atribuição 3.0](https://creativecommons.org/licenses/by/3.0/)